



ÀS o desaguar
das juventudes
da poesia

**MAR
GENS**

COMUNIDADE
VIVA
SEM FOME

UM OLHAR ÀS ÁGUAS PASSADAS QUE FIZERAM O MOINHO MOVER

Partiu começar a falar da história da literatura marginal?

Durante o ano de 2021, as cestas básicas distribuídas pelo Comunidade Viva Sem Fome vieram acompanhadas de materiais educativos produzidos de forma colaborativa com grupos participantes do Audioetal.

Para receber 2022, olhamos para o futuro através de produções artísticas das juventudes, mais especificamente da poesia produzida por autores da Grande BH.

À espera de um futuro mais alegre, nos inspiramos na esperança das juventudes para desejar um feliz ano novo a todos!

**Agora sim, com a palavra,
quem constrói o futuro:**

Antes de falarmos sobre a literatura marginal é preciso entender o porquê de um determinado tipo de texto ser chamado assim, né?

Marginal vem de “à margem”, aquilo que não está no centro. No caso da literatura, podem ser considerados autores ou textos marginais aqueles que não tem um estilo de escrever que é o predominante, ou mais aceito pelo mercado editorial de um determinado momento da história. Um exemplo importante para a história da literatura marginal no Brasil foi a **Geração Mimeógrafo**, também conhecida como Poesia Marginal.

Tal movimento surgiu na década de 70 e era formado por poetas que tinham o objetivo de confrontar a censura imposta pela ditadura militar. A atuação do grupo começou na literatura, mas, em pouquíssimo tempo, essa forma revolucionária de fazer arte chegou também na música, cinema, teatro e nas artes plásticas.

Os textos dos autores dessa geração tinham versos livres, que não traziam nas páginas dos livros muitas preocupações em agradar. Por falar nos livros, a produção era feita de forma independente, em processos artesanais, sem vínculo com editoras.

A impressão era feita através de um mimeógrafo, que é como se fosse um bisavô do Xerox. Depois de prontas, as publicações eram distribuídas pelos próprios autores nas ruas e eventos das cidades onde moravam.

Agora, vamos ter um gostinho do que foi produzido naquela época com o poema "Razão de Ser", escrito por um dos mais reconhecidos poetas da Geração Mimeógrafo, o curitibano Paulo Leminski:

Razão de ser

*Escrevo. E pronto.
Escrevo porque preciso,
preciso porque estou tonto.
Ninguém tem nada com isso.
Escrevo porque amanhece,
E as estrelas lá no céu
Lembram letras no papel,
Quando o poema me anoitece.
A aranha tece teias.
O peixe beija e morde o que vê.
Eu escrevo apenas.
Tem que ter por quê?*

A Geração Mimeógrafo foi muito importante porque enfrentava os padrões artísticos da época, mas não se tratava de um grupo democrático. Composta por uma maioria de homens brancos de classe média, trouxe visibilidade apenas para nomes específicos. As poucas mulheres que fizeram parte da Geração eram ricas ou de classe média e sequer podiam participar das reuniões, com raras exceções como foi a de Ana Cristina César, professora e poeta carioca.

A POESIA MARGINAL HOJE

Tem alguma diferença da poesia marginal dos anos 70 para a que é produzida hoje? Na década de 1970, Ana Cristina César, Cacaso, Paulo Leminski, Chacal e outros eram considerados marginais porque viviam experiências culturais fora dos padrões literários da época e por isso eram censurados.

Já a literatura marginal de hoje vai além das características do texto. Ela é também sobre os autores que estão por trás da literatura e que se encontram à margem, socialmente, racialmente e economicamente.

Os escritores marginais de hoje também trazem linguagens e vivências próprias, e repensam o mundo onde vivem de forma ampla.

Hoje temos como referência escritores marginais como Ferréz, Sérgio Vaz, Roberta Estrela D'alva, Nívea Sabino, José Falero, Zainne Lima da Silva, Pieta Poeta, JomaKa, Marcelino Freire, GOG, entre tantos outros.

Além dos livros, zines e publicações em blogs e redes sociais, podemos conhecer as obras desses autores pelas ruas das cidades em Saraus e Slams (batalhas de poesia falada). Nesses eventos, que hoje acontecem em várias partes do Brasil, com uma cena muito potente em Minas Gerais, os artistas recitam ou cantam seus versos. Se você curte poesia, não deixe de pesquisar sobre onde estão rolando os encontros de poetas mais perto de você. É de arrepiar!

CAROLINA MARIA DE JESUS



Nasceu em Minas Gerais em 1914 e, aos 23 anos, se mudou para São Paulo, onde viveu como catadora de recicláveis e começou a escrever os seus diários, que mais tarde seriam transformados no livro mais vendido da época.

Carolina é considerada uma das escritoras mais importantes do Brasil. Mulher, negra e periférica, a escritora traz uma visão inédita da favela em seu livro "Quarto de Despejo: Diário de uma favelada".

Em seus livros, Carolina Maria de Jesus conta sobre a busca pela sobrevivência como catadora de recicláveis na cidade de São Paulo, conta também, como encontrava vida em itens que eram descartados. A escritora é de extrema importância para a literatura marginal, pois traz diálogos com perspectiva de gênero, raça e classe, e fala sobre a liberdade para mulheres negras enquanto refletia sobre a cidade e suas diferentes formas de viver e habitar, nas ruas, favelas e cortiços.

*Poeta, em que medita?
Por que vives triste assim?
É que eu a acho bonita
E você não gosta de mim.
Poeta, tua alma é nobre
És triste, o que o desgosta?
Amo-a. Mas sou tão pobre
E dos pobres ninguém gosta.*

*Poeta, fita o espaço
E deixa de meditar.
É que... eu quero um abraço
E você persiste em negar.
Poeta, está triste eu vejo
Por que cisma tanto assim?
Querias apenas um beijo
Não deu, não gosta de mim.
Poeta!
Não queixas suas aflições
Aos que vivem em ricas vivendas
Não lhe darão atenções
Sofrimentos, para eles, são lendas.*

CAROLINA MARIA DE JESUS

REGINALDO FERREIRA DA SILVA (FERRÉZ)



*É dia, alguém leva outra pessoa para juntos não chegarem.
Alguém leva toda a culpa para outro inocentar.
Alguém descobre que tudo que tem é nada.
É dia, alguém atravessa uma linha tênue.
Estou sozinho agora, em algum lugar minha pequena dorme, e finalmente estou sozinho agora.
Meu nome não é o mesmo, e nem foi antes, mas eu tenho alguns motivos para não querer ser*

FERRÉZ

De São Paulo, Reginaldo Ferreira da Silva, mais conhecido como Ferréz, o autor de mais de 10 livros e uma grande referência para muitos escritores nas periferias e fora delas. Fez com que a literatura marginal ganhasse novo espaço aos olhos da sociedade, conseguindo ultrapassar as barreiras e camadas sociais, levou suas obras para fora do país, obteve reconhecimento como escritor e tem seus trabalhos discutidos por especialistas do mundo todo.

Ferréz superou todas as dificuldades que um escritor periférico enfrenta e por esse motivo, se tornou referência para outros escritores, escrevendo sobre as realidades que vive, para quem vive e com quem vive o mesmo cotidiano.

Autores marginais que fizeram, fazem e são história

ESMERALDA RIBEIRO



Nascida em São Paulo no ano de 1958, Esmeralda Ribeiro é um dos nomes atuais da literatura marginal. Iniciou sua carreira literária no ano de 1982, com a publicação de 4 poemas nos Cadernos Negros que já falavam sobre a importância da escrita como forma de afirmação e de desabafo dos que se encontravam à margem da sociedade. A autora faz parte do grupo literário Quilombhoje e traz em suas escritas uma narrativa que foge do padrão imposto na literatura tradicional. Como Esmeralda mesmo diz: "escrever é um ato de vida". Através do poder de sua escrita, Esmeralda parte da resistência e por isso tem uma escrita potente, de corpo, de exposição deste corpo para que ele seja mais que visto, que seja enxergado.

*Naufragam fragmentos de mim
na coca mas,
junto os cacós,
reinvento sinto o perfume
de um novo tempo, [...]*

(ESMERALDA RIBEIRO, 1998, p. 65, Grifos meus.)

PIETA POETA



De Minas Gerais, Pieta Poeta é um multiartista: músico, escritor, slammer, poeta marginal e ator. Iniciou no slam em 2016 e foi o vencedor do SLAMBR 2018, além de campeão mundial de poesia falada. Pieta é um dos gênios da literatura marginal atual brasileira, suas primeiras publicações foram fanzines produzidos e vendidos de forma independente. A importância do artista para a literatura atual é incontestável, ele é um grande potencializador na formação de leitores, por causa da fácil compreensão e entendimento de seus textos, que faz com que o leitor ocupe o lugar dos personagens facilmente.

*Eu sou mais chuva que choro,
Mais vento que agouro,
Mais raiz que inércia.
Me movo, mas é no meu tempo,
Ao som desse vento,
Buscando o sol.
Dançando comigo mesmo.*

PIETA POETA

Tentei quebrar minhas correntes e elas quebraram meus tornozelos
Plantei mais flores e ervas no meu quintal e elas morreram
Eu reguei, todos os dias, com tudo de melhor que eu tinha
E morreu mesmo assim
Coloquei recados pela casa pra não esquecer
E esqueci

Eu deixei a porta aberta para que coisas boas entrassem
E as ruínas entraram antes
Me senti suja por amar alguém tão semelhante

Eu dobrei joelhos e curvei promessas
Implorei por cura e perdi minhas peças
Construí muralhas sem perceber as brechas

Não existe nessa cidade toda um lugar em que meus pés cansados não pediram espaço
Ou em que minha boca seca não pediu cerveja

Sozinha fechei minhas feridas, fui em frente
Fingi ter coragem, quebrei minhas correntes
E me levantei

Encontrei os meus iguais que me estenderam a mão
Fiz das tripas coração pra ter amor pra dar a alguém
Dei muito pra muita gente que me deu de volta também

Tive forças externas que me preencheram por dentro me ajudando a seguir adiante
E nessa jornada triste e bonita ao mesmo tempo
Eu não parei nem por um instante

É por isso que eu estou sempre tão cansada
É por isso que eu estou sempre sem saber meu rumo
Eu transformei o dia em madrugada e não parei pra descansar nem um segundo

Hoje eu sei que consigo fechar minhas feridas sozinha
Mas eu não quero.

-Thamara Selva

Barreirismo

barreiro é minha terra,
lá, onde as palmeiras
dão lugar aos jatobás

lá, onde o mangueiras
beirada
sem-eira-nem-beira
é lugar pra se estar

lá, onde a pracinha da igreja
não é do papa
é dos parça
e de quem passa
pra sarauvã

barreiro, esse chão que já foi de terra
carrega o suor de operários da construção
mãos e mais mãos e mais mãos e mais mãos
levantaram
na olaria trabalharam o barro
ergueram o bairro

mães e mais mães e mais mães e mais mães
marias
subverteram
trocaram a bica, a pia
pela poesia dos dias azuis
que se via lá do alto da serra

onde um cristo de braços abertos
acolhia a sangria daquelas moças
que escorre feito água de rio
procurando escoar
ir, feito afluente
encontrar-se com o mar
que há entre as pernas da moça

a moça que rala na serra
que não é a serra do rola moça
a moça que sobe a viela
a rua de pedra
que na favela
sem asfalto
esfola a sola do sapato
pra buscar água da bica
pra buscar água da boca
de outra moça
que rala e rola
mesmo com os olhos rasos d'água

e foge da fossa
enquanto retira da bica à força
água
porque a copasa não passa
um dia sem cobrar saneamento
básico

e a gente não passa um dia sem cobrar o básico
porque a água da chuva,
em entupidos bueiros
ficam,
a água que é vida, em entupidos bueiros
no meu barreiro
mata vidas
mas nossas veias estão abertas
barreiro é américa latina

na extrema Z.O,
pela tereza cristina
a tereza perambula
cria raízes de luanda

enquanto vende seu churros
aqui não tem muros
poucos são os viadutos
e são ocupados com arte
aqui, as vias do minério que vai e vem
são as veias que levam sangue ao coração
barreiro é coletivoz trabalhando a palavrção

somos dom quixote
andantes na afonso vaz
contra fidalgos, ditos Pero Vaz
caminhamos

em um barreiro, na tapa da beirada
povoando margens
navegando em mares sem em minas nem ter mar
criando arteartêsãos do tesão
de morar
na tapa da beirada
na beira
em um barreiro cheio de histórias
sem eira-nem-beira
mas que de igual maneira
é um dos melhores lugares
de se morar.

KARINE BASSI

A Pluma E O Vento

Fiz-me pluma e tentei deixar meu espírito o
mais leve que minha consciência permitisse, já
que as tempestades geradas por erros, muitas
vezes encharca-me e me torna pesado demais.
Porém tal peso faz-me ter contato no solo firme
do aprendizado e absorção daquilo que se faz
necessário para torna-me novamente leve e
impedir-me de gerar novamente o clima para
aquela tempestade e certo de que outras virão
para reafirmar minha perfeição.
Refresco-me no orvalho do amar, amar meu ser
e todos os seres.

Já minha ignorância é como vento, leva-me
sempre a novos horizontes onde às vezes cessa
tal vento e deixa-me repousar para que eu
possa aprender um pouco mais.

Então me cabe aproveitar cada momento de
repouso no solo do conhecimento e absorver ao
máximo o que me for permitido, pois é
impossível saber quando ela voltará, sim, ela, a
ignorância que vem como leve brisa e alça-me
ao desconhecido sem prévia de retornar ao
repouso em solo firme do aprendizado.
Estar leve flutuar pela vida como nômade,
transportando paz interior e exterior
preparando-me para aterrissar em qualquer
terreno seja ele qual for, mas com a certeza de
que será sempre frutífero

- Bim Oyoko

OBRAS DE JOVENS POETAS MARGINAIS

Às três da manhã pedi a conta
Estar sempre tonta ajuda na coragem
Então fui embora sozinha...

Não conhecia o bairro
Parei no primeiro ponto
No bolso 5 conto
Sabia muito bem onde eu queria chegar

O primeiro ônibus era com destino "Saudade"
Na minha idade eu não poderia ousar pegar
Mesmo sem dar sinal juro
Eu juro pelo meu último paiol picado
Que metade minha foi sentada no banco da frente
Saudade não é algo que passa despercebido.

Pensei em pegar o que passou em seguida
Escrito na placa Vista Alegre
Mas sabia que era propaganda enganosa
Um ônibus de 4,50 não me levaria pro Nordeste

Ignorei o ônibus ao sentido Jaqueline
Uma amiga já o havia pego
e eu sabia que era confusão

O ônibus pra Independência
Eu já havia pego aos 18 anos
Não faz sentido repetir rotas

Paguei de porta e fingi que não vi
A lotação com sentido ao bairro Califórnia
Tava bêbada demais pra viver a vida sobre as ondas
e ser artista de cinema
Pelo respeito ao anonimato não dei nem sinal

Joi Gonçalves

Quase fim

...aqui, é quase fim de vida
e assimilo, portanto, o amor
mãos livres para o toque
pés soltos pra ladeira

café cuado no pano
e o cheiro das coisas que
partiram: copos e coxas.

redemoinho de saudade no peito.
serenei um pouco antes do jantar e
fiz questão de sorrir tristeza
só pra dizer ao tempo que já fui.
tudo é um passado lama

talvez seja verão lá fora.
agora, aqui dentro, é quase fim de vida
e eu gozo o presente das coisas que virão:
o teto baixo de gesso
o som do carro alto na garagem
e a sutil dobra da tua coxa
sobre o meu ombro.

assimilo, portanto, o amor.
uma reza forte, um café morno.
que arte tola essa de lembrar futuros

acorda.
batem a porta.
não sei se ontem ou amanhã.

peso nenhum tem o tempo.
não aqui. não...

- Leandro Zere

Inté o soli esfriano
A noite não mais clareano
Us portão do céu num se abra
Eu no purgatório faça morada

Inté seja cascavele cuspidera
A pexera de ferruge faça entrada
Todos us bovino atravesse a cerca
Caminhe pelo vale em meio a seca

Meus verso nunca seja lido
E o distino assoprado em meu ovido
Num teria castigamento maió
Que amá um amó proibido

E eu benquado e prutegido
Cabra dius valente e destemido
Amansado iguá novilho que foi parido
Se perde pela cabrita fia do inimigo

Agora é que u céu vem abaixo
Eu homi macho tremendo num cagaço
Mai num é pelo maleredito coroné
É medo dela dizé que num me qué.

Set-e

Esta cartilha é fruto de um trabalho coletivo entre a equipe do Comunidade Viva Sem Fome e os coletivos aprovados no AUDIOETAL.

De quebrada pra quebrada: @abordacultural

DE QUEBRADA é um projeto permanente da Produtora Cultural A|Borda, que propõe a circulação da Literatura Marginal e da cultura periférica. Objetiva contribuir na construção de periferias saudáveis a partir de ações socioculturais, ambientais, de formação pessoal/profissional e de economia solidária. Visa a transformação sócio-econômica-ambiental-e-cultural das periferias, para que tornem um polo de referência de mobilização, engajamento, educação e desenvolvimento comunitários para as demais comunidades e cidades do entorno

Referência: <https://www.instagram.com/editoravenasabiertas/>

COORDENAÇÃO:



APOIO:



Recursos provenientes de deliberação do Comitê Gestor constituído pelo Ministério Público do Trabalho, Justiça do Trabalho, Defensoria Pública da União e AVABRUM – Associação dos Familiares de Vítimas e Atingidos da Tragédia do Rompimento da Barragem Mina Córrego Feijão Brumadinho, que exerce a gestão dos recursos pagos a título de indenização por danos morais coletivos, em acordo judicial firmado nos autos da Ação Civil Pública ajuizada pelo Ministério Público do Trabalho e entidades sindicais profissionais perante a 5ª Vara do Trabalho de Betim, processo n. 0010261.67.2019.5.03.0028.